

FCPF

Magazine

#67



5 ABRIL 1950 - 5 ABRIL 2022

72.º ANIVERSÁRIO

ANTEVISÃO
PAÇOSXMARÍTIMO



EDITORIAL

NÚMERO 67
ABRIL 2022

TEXTOS:
Sara Alves

FOTOS:
Telmo Mendes

DESIGN:
Liff

IMPRESSÃO:
PaçoPrint

TIRAGEM:
1000

DISTRIBUIÇÃO:
Gratuita

LÊ AS
EDIÇÕES ANTERIORES



WWW.ISSUU.COM/FCPF1950

SEGUIE O PAÇOS



FC Paços de Ferreira
Rua do Estádio, 95
4590-571, Paços de Ferreira

WWW.FCPF.PT

FCPF Magazine

O FC Paços de Ferreira celebra esta semana o 72º aniversário. Por mais rotineiro que possa parecer, cada ciclo anual desde a sua fundação representa uma nova etapa adicionada ao processo de consolidação do Clube como referência no desporto nacional. Do imberbe e incipiente FC Vasco da Gama de 5 de abril de 1950, manteve-se ao longo das sete décadas a humildade, o espírito de conquista em prol de um ideal e o digno cumprimento do papel formador de carácter de todos quantos o representaram.

Após 72 anos, o FC Paços de Ferreira pode orgulhar-se de estar a cumprir exemplarmente o seu papel e ser hoje um clube estável e em plena diversificação da sua ação desportiva e social. A equipa profissional de futebol é rebocadora de toda uma vasta estrutura e tem sido o garante de afirmação do clube no país e no estrangeiro. O currículo fala por si e o Clube está já entre os 14 melhores de sempre na I Liga, sendo que neste século apenas em duas ocasiões não esteve no escalão máximo do futebol nacional e ainda esta temporada marcou nova presença nas competições da UEFA, vencendo o Tottenham, que é o atual quarto classificado da melhor liga do mundo.

O espírito de conquista nunca esmorece e a seis jornadas do final da Liga 2021/22 o objetivo é trepar acima do nono lugar que atualmente ocupa. São seis jogos para alcançar esse objetivo, a começar já esta tarde frente ao Marítimo. Após a derrota em Alvalade, que foi iniciada com um “empurrãozinho” do VAR, a equipa quer sentir de novo o sabor do triunfo que aconteceu por quatro vezes nas últimas seis partidas. O histórico diz-nos que o Paços não consegue vencer em casa a equipa madeirense desde 2014 (3-2), apesar de a ter recebido em mais seis ocasiões após esse triunfo. Em dia de encerramento de aniversário, é tempo de acabar com a malapata, enchendo o Estádio de adeptos e empurrando a equipa para a vitória!

O avançado Adrián Butzke é o entrevistado desta «FCPF Magazine». Chegado em janeiro por empréstimo do Granada CF, o jovem espanhol fala-nos desta primeira experiência no estrangeiro e que teve, para já, como ponto alto a ativa participação no último triunfo caseiro frente ao Moreirense.

Os escalões de formação e as modalidades também têm o seu merecido espaço e desta feita o destaque vai para a conquista da manutenção nos respetivos escalões. A equipa de Sub15 garantiu esse feito ao conquistar o seu grupo de permanência no campeonato nacional, algo que foi também alcançado pela equipa sénior de futsal, no nacional da II divisão.

Parabéns Paços pelo aniversário e vamos a jogo!

PAULO GONCALVES
SECRETÁRIO TÉCNICO

ADRIAN BUTZKE

"VOU GUARDAR O PAÇOS NO CORAÇÃO PARA SEMPRE"

Tudo começou na baliza, mas depressa percebeu que não era ali o lugar com que mais se identificava – bola no pé em direção às redes adversárias para fazer golos deixava-o mais feliz e motivado. Foi assim que tudo começou para Adrián Butzke, que esta temporada vive a sua primeira experiência futebolística fora de Espanha. Na estreia a titular pelo Paços, marcou, e é isso que deseja fazer mais vezes, com a cruz dos templários ao peito. Certo é que trabalho em prol do clube que já tem no coração não faltará.

Na tua estreia como titular marcaste o teu primeiro golo pelo Paços. Funcionou como um “boost” de confiança?

Sim, sem dúvida que sim. Ter recebido a oportunidade do mister para me estrear e, além disso, ter feito um golo, foi como um extra de motivação para continuar a trabalhar e marcar mais vezes.

Os primeiros jogos foram importantes para te ires adaptando à equipa e ao próprio campeonato?

Era tudo muito novo para mim. Sempre joguei em Espanha, onde o futebol é diferente. Então, esses primeiros jogos foram muito úteis para ver a maneira como jogava a equipa, para ver os movimentos que o Deni fazia – focava-me nele, e acho que todos nós podemos cumprir bem a função.

Na conferência de imprensa depois do



jogo com o Moreirense, o mister César Peixoto também respondeu a uma pergunta relacionada com a tua estreia e disse que no campeonato espanhol há mais espaço para jogar, menos agressividade nos duelos; e que aqui a tomada de decisão tem de ser mais rápida. Confirma?

Senti logo isso. Em Espanha, tive a oportunidade de jogar na equipa principal do Granada e a verdade é que temos um bocadinho mais de tempo para pensar. Aqui, sendo tão físico, tão duro, temos de pensar rapidamente. Antes da bola chegar até ti, já tens de ter pensado naquilo que vais fazer – se não o fizeres, vais perdê-la.

Entretanto, repetiste a titularidade contra o Sporting. Que balanço é que fazes?

Tanto no jogo com o Moreirense como frente ao Sporting, deu para ver que a equipa tem uma

d DIVERCOL®

4 ENTREVISTA ADRIAN BUTZKE

ideia muito clara de jogo e que a cumprimos muito bem. Queremos bola, queremos sair a jogar. E a verdade é que fiquei muito contente com a atitude, com essa personalidade do Paços que conseguimos evidenciar mesmo contra um “grande”, como o Sporting.

A equipa está num bom caminho para garantir a manutenção e este sábado tem um importante desafio com o Marítimo. O que esperas desse encontro?

Vai ser um jogo difícil, porque o Marítimo também joga muito bem, e, claro, quer igualmente garantir a manutenção o quanto antes. Acho que vai ser um jogo muito disputado, mas tenho muita confiança nesta equipa e acredito que vamos conseguir a vitória.

Entretanto dois meses se passaram desde a tua chegada. Como foi a adaptação?

A verdade é que foi muito boa, os meus colegas receberam-me muito bem! Claro que o ritmo é diferente em muitos aspetos, e ao início custou-me um pouco em termos futebolísticos. Além das diferenças, eu também vinha de um longo período sem jogar, porque no Granada era complicado entrar – daí também vir para cá, para ter mais minutos. Mas o início custou apenas por mim; não

foi pelos meus colegas. Com eles foi espetacular desde o princípio. E depois, pouco a pouco, o mister também me foi dando as indicações... Tudo tem o seu processo, e quando as coisas vão ao seu ritmo, melhor. Já tive a minha estreia a titular, creio que correu bem, e isso é fruto de um caminho tranquilo e pausado.

Já conhecias o Paços? Ou falaste com alguém que por cá já tivesse passado antes?

Conhecia o Paços pela eliminatória da Champions. E, bem, quando andamos a “investigar” as outras ligas, vemos a inglesa, a portuguesa... e já o tinha visto. Mas não conhecia muito, pois de Portugal fala-se mais dos ditos “grandes”. A verdade é que assim que me informaram acerca do Paços, falaram-me muito bem desde o início. Disseram-me que era um clube muito humilde, mas

muito trabalhador, e quando cheguei aqui vi como tudo era espetacular. Sobretudo as pessoas – do presidente ao Tibi (roupeiro). São todos incríveis. Disseram-me desde o primeiro dia “Para o que precisares, aqui estamos”. E confirma-se: sempre que me faltava alguma coisa, eu dizia e tinha em cinco minutos. Sinto que estou em casa. E as condições são mesmo espetaculares. O Paços é um clube muito humilde, mas tem tudo e dá-te tudo.

E como surgiu a proposta?

Foi tudo numa semana. Quando surgiu esta opção, eu estava na equipa B do Granada e na equipa principal – se não jogava na primeira equipa, jogava na segunda. E para mim, um menino de Granada [igual como se fosse aqui de Paços], jogar na primeira divisão de Portugal é muito entusiasmante! Desde o princípio que me falaram muito



Norte Car

automóveis

ADRIAN ESTREOU-SE A MARCAR FRENTE AO MOREIRENSE.

bem, então “Vamos” - decidi viver a aventura e a experiência.

A receção do grupo foi boa?

Super boa. Muito, muito boa. São pessoas muito humildes, muito trabalhadoras. O Juan, por exemplo, ajudou-me bastante. Eu nunca tinha saído de Espanha, então havia a questão do idioma. Vinha um pouco assustado apenas por isso, porque eu gosto muito de comunicar com as pessoas, gosto de saber se está tudo bem, gosto que me digam no que é que posso melhorar.... Então o Juan ajudou-me logo. O português e o espanhol até são muito parecidos. Aos poucos, ouvindo algumas palavras e conceitos-chave, já me vou entendendo com toda a perfeição.

Este é um plantel que tem tanto jogadores com muita experiência, como jogadores muito jovens. É, por isso, uma boa escola para aprender?

Sem dúvida que sim. Dirigimo-nos aos jogadores mais velhos, pedimos conselhos e eles explicam, falam connosco. Como também somos jovens, de uma maneira boa vão-nos orientando dentro de campo. Num treino até podemos pensar “O que

estás para aí a dizer?”, mas logo percebemos que é para o nosso bem. Por isso completamos perfeitamente e creio que fazemos um bom grupo.

Além disso, aliam muito bem o trabalho à brincadeira, cada um no tempo certo. Mostram-se muito unidos. Se tivesses de falar sobre três jogadores, quem escolherias e o que dirias?

Obviamente que o primeiro seria o Fernando Fonseca. [Risos] O Fernando é incrível, é uma pessoa que vive a vida, que a desfruta; é feliz e faz as pessoas felizes. Eu levaria o Fernando para todo o lado. Escolho também o Antunes, um jogador muito experiente. É mais velho, no entanto tem um espírito jovem, é muito atencioso, está sempre a olhar por ti. Ora, o Fernando, o Antunes... e, como terceira pessoa, o grupo todo. [Risos] Levava todos. Poderia escolher qualquer um.

Antes de chegares a Paços de Ferreira, fizeste a tua estreia na equipa principal do Granada. Como foi esse momento?

Foi muito emotivo. O Granada é a equipa



ALFREDO CORREIA

ALFREDOCORREIA.PT



da minha cidade, onde vivo desde pequeno. Sobretudo para a minha família e amigos foi um orgulho, pois são todos adeptos do clube desde pequenos. Eu joguei durante muito tempo nos escalões de formação, desde os oito anos, mas nunca pensei que pudesse jogar na equipa principal. Foi um momento muito emotivo. Deixame arrepiado! A recordação fica para toda a vida.

Foi na Copa del Rey. Um sonho realizado...

Um sonho que eu cumpri. E foi logo com um hat-trick! Nesse dia senti-me como o rei de Granada, para teres uma ideia. [Risos] É o equivalente a um jogador da formação do Paços marcar três golos num jogo do campeonato ou da Taça. Imagina como é que esse rapaz vai para casa. Depois joguei uns cinco ou seis minutos na primeira divisão, e depois voltei a jogar na Copa del Rey.

E nota-se que os adeptos do Granada também vão acompanhando. Vemos que têm estado atentos às nossas redes sociais.

Acho que por ser um jogador da formação do Granada, os adeptos valorizam mais, porque sabem o sentimento que tenho pelo clube. Posso estar em mil equipas, mas vou sentir sempre isso pelo Granada. Se me perguntam “És do Real Madrid ou do Barcelona?”, respondo “Sou do Granada”. E os adeptos sabem disso também, então preocupam-se muito.

Vamos até ao início. Com que idade entraste no mundo do futebol?

Comecei num clube da minha terra, Monachil, quando tinha uns três anos. E comecei por ser guarda-redes, mas a baliza aborrecia-me, então, pegava na bola, corria e fazia golos. Fiquei na baliza dos três aos cinco anos, até ao dia em que disse que queria ser avançado, e assim foi. É melhor fazer golos. É mais divertido. [Risos] Eu marcava muitas vezes quando era pequeno, e foi quando o Granada me chamou. Tinha oito anos, nessa altura.

Joma

E de vez em quando não treinas umas defesas com Igor, André, Jordi, Jeimes?

Às vezes tento, mas não me deixam. Eu sou bom, mas não querem. [Risos]

Quem eram os teus ídolos na infância?

Quando era criança, o Ronaldo Nazário, o Iker Casillas – focava-me muito nele, como pessoa. Havia muitos bons avançados, mas para mim o principal era o Ronaldo. Na atualidade, diria que é o Benzema.

Sáimos agora das quatro linhas. Como é que é o Adrián fora delas?

Sou uma pessoa atenciosa, gosto de estar rodeado de gente. Não gosto de estar nem a jogar PlayStation, nem a ver televisão; gosto é de estar com pessoas. Sou muito familiar, muito carinhoso e considero-me muito atento, ajudo... Acho que sou uma boa pessoa.

A adaptação à cidade correu tão bem quanto a adaptação à equipa?

Ao início tinha um pouco de receio de sair à rua, porque pensava que não me iam entender. Da primeira vez, quando tive de ir pôr gasolina, não me perceberam. Muitas vezes ficava do tipo “E agora o que é que eu faço?” Ficava muito nervoso! Então ao início tinha esse receio, mas depois quando já te soltas um pouco, já é normal. Gosto da cidade, é pequena e acolhedora. Há muitos espaços verdes, e gosto de dar passeios, tranquilo, a ouvir música. Além disto, temos o Porto aqui perto.

Apesar de estares fora do teu país pela primeira vez, acaba por não ser tão estranho. Portugal e Espanha têm várias semelhanças...

Ao início eu ouvia as pessoas e não entendia nada. Mas quando começa a entrar mais

no ouvido, quando as pessoas falam mais devagar e tal, as palavras são praticamente iguais. Muda uma ou outra, mas é praticamente o mesmo. Sinto que os portugueses têm uma maior pronúncia dos ‘S’, mas é muito parecido. E se eu falar devagar, em espanhol, também entendem tudo. A cultura também é muito parecida, a comida...

O que é que trarias de Espanha para cá?

A minha família e os meus amigos. Já a nível cultural, as tapas, claro. [Risos]

E o que é que levarias de Portugal para Espanha?

Talvez a maneira de viver e de trabalhar. Aqui há muito comércio e muitas coisas abertas ao domingo, durante a tarde, e em Espanha não abre nada ao domingo. Essa cultura, essa maneira de pensar... Penso que aqui as pessoas são muito trabalhadoras.

Quais são os teus desejos para o futuro?

Pessoalmente, espero ter muita saúde, que tudo corra bem, que possa desfrutar do futebol sempre que possível. Coletivamente, que o Paços chegue sempre o mais alto possível, porque é um clube que vou levar no coração para sempre. E que ao Granada também corra tudo bem. Que toda a gente que me rodeia e conheço tenha muita saúde e bem-estar.

E que mensagem gostarias de deixar aos nossos sócios, em semana de aniversário?

Quero desejar a todos os adeptos um feliz aniversário. O clube são os adeptos, e creio que o Paços tem uma massa adepta muito boa. Sentimos esse “calor” em todos os jogos, o que nos dá esse ‘plus’ de “vamos fazê-lo por eles”. Então quero desejar uma feliz semana, um feliz ano, e dizer que esperamos por eles no próximo jogo para os brindar com uma vitória.



PENSA RÁPIDO NOA CERVANTES

De terras gaulesas para o território lusitano. Noa Cervantes chegou à Mata Real no início do ano, durante o mercado de inverno, e vai marcando a sua presença entre os treinos da equipa principal e os jogos dos Juniores. Fica agora a conhecer um pouco mais sobre o jovem médio, que se descreve como uma pessoa muito discreta.

7. Se pudesses ser um desenho animado, qual serias?

Eu escolheria uma personagem do Foot 2 Rue [Clube de Rua], porque, quando era mais novo, via muito isso.

9. Quais são os teus artistas de música favoritos?

Os meus artistas favoritos são do rap francês, como o Ninho ou o Jul.

10. Qual é a tua primeira memória relacionada com o futebol?

As minhas primeiras recordações relacionadas com o futebol são do estádio de Orzy, que ficava ao fundo de minha casa. Foi lá que comecei a jogar futebol.

17. Se pudesses inventar uma coisa, o que seria?

Eu acho que, se pudesse inventar algo, seria mesmo a invisibilidade, porque, basicamente, sou uma pessoa muito discreta.

18. Qual foi o sonho ou pesadelo mais estranho que já tiveste?

O pesadelo mais estranho que já tive foi um em que tinha deixado o futebol da noite para o dia e sem qualquer motivo para isso.

19. O que é que te deixa nervoso?

Quando perco alguma coisa ou quando há competição.

25. Se te garantissem que podias fazer uma coisa e não ias falhar, o que é que farias?

Tendo a garantia de que podia fazer alguma coisa e ia conseguir, era certo que ia dar o máximo de mim até alcançá-la, independentemente do que fosse.

franciscoj.dias
mobiliário

FUTSAL: PERMANÊNCIA NA II DIVISÃO NACIONAL GARANTIDA

Objetivo cumprido! A equipa de futsal do FC Paços de Ferreira já deu por encerrada a sua primeira aventura pelos campeonatos nacionais, e com a permanência na II Divisão mais do que assegurada. Na segunda fase da competição, os Castores disputaram a manutenção e terminaram no primeiro lugar do grupo, com o melhor registo em todas as frentes. Ao fim de dez jornadas, somaram 21 pontos (mais quatro do que o segundo classificado, o SC Lusitânia), resultantes de seis vitórias, três empates e uma derrota. Além disto, foram o melhor ataque da prova, com 47 golos marcados, e a melhor defesa, com apenas 26 golos sofridos.



FORMAÇÃO: SUB-15 TERMINAM EM PRIMEIRO NA FASE DE MANUTENÇÃO

O Campeonato Nacional de Juniores C já terminou para os jovens Castores do FC Paços de Ferreira, que não só garantiram a manutenção, como também conseguiram o primeiro lugar do grupo. Oito vitórias, quatro empates e duas derrotas; 31 golos marcados e 20 golos sofridos – foi este o registo dos Sub-15 pacenses, que na primeira fase do campeonato tinham terminado na quinta posição, a dois pontos da Fase de Apuramento do Campeão.



FIXPAÇOS
fixing solutions

DOS GRANDES SOU DO PAÇOS

Com “Paços certos”. É assim que Jorge Seabra avalia estes 72 anos de FC Paços de Ferreira. Em semana de aniversário, eis um texto que reúne memórias bonitas e factos que deixam qualquer adepto orgulhoso do caminho percorrido até hoje.

Da primeira vez, ainda a Mata Real era um pelado contornado de cal e de degraus de betão. Jogávamos com o Atlético de Valdevez, com o Riopele e com o S. Martinho. Foi há 40 anos. Ou anteontem.

Ontem já a relva crescia, e com ela uma equipa aguerrida, de adeptos apaixonados, que os adversários aprenderam a respeitar e a temer. Na escola eu desenhava o campo da bola e destacava os golos do nosso extremo esquerdo; no recreio queria ser o número 11, aquele com que jogava o meu homónimo, Jorge; no campo a braçadeira era de Miguel Alvarez, o argentino mais Pacense do mundo.

Os passos certos que o Paços ia dando trouxeram-nos Vítor Oliveira e Spassov, e eles trouxeram-nos o sonho para casa. Chegamos à piscina dos grandes e insistimos que queríamos lá ficar. A persistência dava frutos; a identidade afirmava-se; a humildade mantinha-se. O capitão Mota foi promovido a mister e o golo de Rui Miguel fez explodir a multidão que pintou Chaves de amarelo e verde. Era a certeza que estas cores já tinham criado profundas raízes e que a árvore estava preparada para florescer.

Hoje a equipa é admirada; jogar à Paços não é só um slogan, é uma missão. E é, para nós, um orgulho. Hoje o clube está solidificado no lugar a que pertence; e é nosso, dos adeptos Joga finais, pisa palcos que não ousávamos sonhar; estivemos no Jamor e ouvimos o hino da Champions; temos Castorzinhos a ganhar títulos nas melhores ligas e a jogar Mundiais; vemos jogadores que saem do clube, mas percebe-se que o clube nunca sai deles; temos treinadores da casa em lugares de destaque; temos uma Mata Real bem mais asseada, que recebe torneios e seleções; temos património edificado e uma história que fala por si. Mais que um clube grande, somos um grande clube!

Ainda anteontem jogávamos no pelado...



BRITO

FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972

QUAL O MELHOR GOLO QUE VIU AO VIVO?

Não sei se foi o melhor, mas é um dos mais marcantes. O primeiro do Paços a um dos chamados grandes: Adalberto, contra o Benfica, em 1991.



QUEM É PARA SI O MELHOR JOGADOR QUE VESTIU A CAMISOLA DO PAÇOS?

Há meia dúzia de anos hesitaria entre Rafael, Radi, Spassov, Leonardo, Marco Paulo... Agora não hesito: Diogo Jota.



QUE OBJETO DO PAÇOS GUARDA COM MAIS CARINHO?

Perdi os meus cartões de sócio dos anos 90, não sei o que é feito de um equipamento completo que recebi na minha 1ª Comunhão, nem da camisola de campeão da Divisão de Honra 1990/91... Mas ainda tenho o ursinho de peluche que se vendia na altura.



SE TIVESSE QUE ESCOLHER 5 JOGADORES DO PAÇOS PARA UMA FUTEBOLADA COM AMIGOS, QUEM LEVAVA?



QUERES CONTAR A TUA HISTÓRIA?

CONTACTA-NOS ATRAVÉS DO EMAIL: MARKETING@FCPF.PT



DEVESSA'
COMBUSTÍVEIS

PAÇOS**MARÍTIMO**

Ano de fundação
20 de setembro de 1910

Presidente
Rui Fontes

Treinador
Vasco Seabra

Estádio
Estádio do Marítimo
10600 lugares

As últimas temporadas:
2020/2021:
LIGA NOS: 15.º lugar,
35 pontos

2019/2020:
LIGA NOS: 11.º lugar,
39 pontos

Depois da derrota em Alvalade, nada como regressar às vitórias na tarde deste sábado – e logo em semana de aniversário. Nesta 29ª jornada da Liga Portugal Bwin, o FC Paços de Ferreira recebe o CS Marítimo, na Mata Real. Conquistar os três pontos é, como sempre, o objetivo.

CONFRONTO DIRETO

FC Paços de Ferreira e CS Marítimo têm hoje mais um frente a frente para juntar aos 51 já realizados em todas as competições. O histórico de confrontos mostra que “equilíbrio” é mesmo a palavra de ordem, com 16 vitórias dos Castores, 17 dos madeirenses e ainda 18 empates. No entanto, se focarmos apenas os jogos entre as duas equipas no principal campeonato português - e realizados na Mata Real - vemos que a vantagem é pacense: dez vitórias, nove empates, três derrotas, 31 golos marcados e 22 sofridos.

A primeira receção ao CS Marítimo, na Primeira Liga, foi em 1991/1992 e terminou com o triunfo do FC Paços de Ferreira por 2-1. Nuno Vinagreiro marcou logo aos 4', Yulian Spassov aumentou aos 78', e aos 86' Ademir Alcântara fechou o marcador.

AS EQUIPAS

À entrada para esta 29ª jornada, o FC Paços de Ferreira tem 33 pontos, sendo que 17 deles foram conseguidos na Mata Real e 16 como visitante.

O CS Marítimo chega à Capital do Móvel depois de duas derrotas caseiras, diante de Vitória SC e CD Tondela, e de um empate no terreno do Gil Vicente FC. Tal como os Castores, soma 33 pontos.

OS TREINADORES

Ao fim de 14 partidas pelos Castores, César Peixoto regista seis vitórias, quatro empates e quatro derrotas – estas últimas, diante dos quatro primeiros classificados (FC Porto, Sporting CP, SL Benfica e SC Braga).

Vasco Seabra foi treinador principal do FC Paços de Ferreira entre 2016 e 2017. Antes disso, orientou a equipa de Sub-19.



SOLVERDE.PT



UMA VITÓRIA COMO PRESENTE

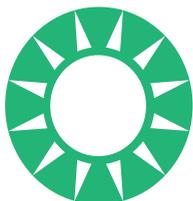
O triunfo diante do Moreirense FC (2-1), na última jornada realizada em casa, foi mais um importante passo rumo ao objetivo da manutenção. Num jogo bem animado, estávamos prestes a entrar na reta final da primeira parte (39') quando Adrián Butzke abriu o marcador e deixou os Castores em vantagem ao intervalo. Já no início da segunda (50'), foi Yan Matheus quem fez o gosto ao pé, com um grande remate fora da área, estabelecendo a igualdade – mas o Paços não se deixaria afetar pelo golo sofrido e voltaria a assumir o controlo do encontro. Aos 70 minutos, Luiz Carlos cruzou da direita e Nico Gaitán subiu na área para cabecear à trave, sobrando a bola para a recarga de Uilton, que conseguiu, assim, garantir os três pontos. Seguiu-se uma breve pausa para os compromissos internacionais das seleções, antes da deslocação ao terreno do atual campeão nacional. O confronto com o Sporting CP antevia dificuldades, mas o Paços não prescindiu da sua identidade e foi controlando o favoritismo leonino. No entanto, uma grande penalidade surreal sinalizada pelo VAR desbloqueou as dificuldades sentidas pelos Leões, e Sarabia fez o 1-0. O segundo golo do Sporting, apontado por Nuno Santos (72'), fechou as contas do encontro, mas, apesar da derrota, a moral pacense não foi afetada, e é com total foco, determinação e

vontade de vencer que o grupo recebe esta tarde o CS Marítimo.

Antes do encontro da primeira volta entre as duas equipas, o conjunto madeirense era o penúltimo classificado com sete pontos em onze jogos, o que levou à mudança de treinador. Neste momento, à entrada para a 29ª jornada, partilha o mesmo registo do FC Paços de Ferreira: 33 pontos, ao fim de oito vitórias, nove empates e onze derrotas – tendo, contudo, mais golos marcados (32), mas também mais golos sofridos (37). Como visitante, o CS Marítimo conquistou até agora mais pontos do que como visitado – 18 contra 15.

No último fim de semana, os maritimistas receberam o CD Tondela, num jogo que acabaram por perder por três bolas a uma. Esta foi, aliás, a terceira partida consecutiva sem vencer, depois da derrota em casa com o Vitória SC (0-1) e do empate em Barcelos com o Gil Vicente FC (1-1). Vasco Seabra apostou no seguinte «onze»: Paulo Victor, Cláudio Winck, Zainadine Júnior, Léo Andrade, Fábio China, Ivan Rossi, Diogo Mendes, Rafik Guitane, Miguel Sousa, André Vidígal e Joel Tagueu.

Os avançados Joel Tagueu e Ali Alipour são os melhores marcadores do CS Marítimo na Liga Portugal Bwin, com seis golos cada.



SOLVERDE.PT

JOÃO GRILO VENCE A QUARTA PROVA DE MASTERS DE POOL PORTUGUÊS



João Grilo sagrou-se o vencedor do 4º Masters ESC Online de Pool Português, após bater por 5-1 o atleta Samuel Santos, do Boavista FC, na final do torneio.

O Circuito Nacional de Masters de Pool Português é organizado pela Federação Portuguesa de Bilhar e reúne os 16 melhores classificados do ranking da época anterior nesta variante. No total, serão realizadas sete provas.



PACENSE NO CAMPEONATO DO MUNDO

O nosso atleta João Tinoco viajou até Milton Keynes na Inglaterra para participar no World Pool Championship, o campeonato do mundo de Pool.

Depois de se ter sagrado campeão europeu de Pool em 2021, o atleta do FC Paços de Ferreira disputa a maior competição do mundo da modalidade.



RE/MAX®



DAR MÚSICA AO SENTIMENTO



Vive no Porto há cerca de 20 anos, onde é professor na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, na área da Matemática. Mas é em Paços de Ferreira que tem as suas raízes, foi aqui que morou até aos 25 anos e se tornou pacense de mão cheia, ao lado do pai e do avô. E foi com o Paços no coração que decidiu criar algo que, espera, venha para ficar: “Pelo Paços” é o hino proposto por José Alves.

Passar para o papel e para os acordes de uma guitarra o sentimento que corre nas veias não é tarefa fácil – e ainda menos quando esse sentimento é o resultado de anos de apoio ao seu clube. No entanto, José Alves não viu isso como um impedimento. Foi, aliás, uma maneira de juntar o melhor dos seus dois mundos: o futebol – mais concretamente, o Paços – e a música. “Desde que tenho memórias de mim, lembro-me de ir ao futebol, ainda no Campo da Cavada, e de ir em excursões com o meu pai e o meu avô. Foi o meu pai que me passou os grandes valores pacenses, e é isso que agora espero conseguir transmitir aos meus filhos”, revela. Já a paixão pela música surgiu do lado materno: “Tão antigas quanto as minhas memórias das idas ao futebol, são as minhas memórias a cantar com a minha mãe. Com uns cinco anos, mandava-me tapar os ouvidos para fazer a minha voz e ela fazia a dela”. O bichinho ficou, comprou uma viola, anos mais tarde, e começou a compor, chegando até a participar em festivais de música da região. “Depois entrei para a faculdade e comecei a ficar bastante absorvido por isto aqui. Mas nunca larguei a música, de um ponto de vista pessoal”, reforça José.

Passaram-se os anos, somaram-se as idas ao estádio e cresceu a vontade de por lá ouvir algo novo, “sem menosprezar o que já existe”; algo “noutro estilo, com mais riqueza em termos de letra e de música, sem perder a vertente popular que um hino de clube de futebol deve ter, pois espera-se que muita gente o cante”, podendo torná-lo num momento tocante. José Alves sabia que a tarefa não seria fácil, mas manteve a esperança de que alguém pudesse apresentar uma proposta. Só não sabia que seria ele... E em que momento a coisa começou a surgir? “Na semana em que o Paços ganhou ao Tottenham. Costumo dizer em tom de brincadeira que a minha Taxa de Pacense no sangue estava em valores muito acima do normal”, responde entre risos. Começaram por surgir algumas frases a caminho do trabalho, foi procurando alguns dados históricos, e aos poucos percebeu que dali poderia

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

nascer um hino. “Tinha a consciência de que queria uma letra que fosse intrinsecamente nossa. Não daquelas letras que fazem para um certo clube, mas que podem ser usadas com outro, mudando o nome ou as cores”, salienta.

Muitas rascunhos, rimas e métricas depois, com referências às origens, ao Vasquinho, às nossas cores, à Mata Real, ao “jogar à Paços”, às conquistas e até a momentos menos bons – já que, na sua opinião, “só se está realmente bem resolvido com algum insucesso quando se olha para trás e se pode falar dele com bom humor” – às subidas, à Europa, ao lema... foi mostrando a letra a alguns familiares e amigos, recebendo um feedback positivo. Chegava, então, a hora de apostar numa melodia – isso sim, um grande desafio. “Gravei muitas ideias no telemóvel, rejeitei outras tantas, até que um dia me lembrei de uma canção que compus na minha adolescência, cujas estrofes eram de seis versos, como a letra já escrita. Foi apenas uma questão de lhe mudar o ritmo para facilmente se ajustar”. Naquele momento, uma coisa era certa: José Alves queria que o instrumental fosse tocado pela Banda Musical de Paços de Ferreira: “Numa boa simbiose, juntávamos duas das instituições mais emblemáticas do município. Para alguém como eu, com profundo gosto tanto pelo futebol como pela música, seria ouro sobre azul. Ou ouro sobre verde, para ficar mais em tons municipais”.

Os passos seguintes

Quando conseguiu algo que o deixou agradado, José Alves apresentou a ideia à Direção do FC Paços de Ferreira e à Banda Musical de Paços de Ferreira. A receptividade foi imediata de ambas as partes, como explica o maestro Alexandre Coelho: “A primeira impressão foi a de que havia ali um trabalho com bastante potencial e iria valer a pena desenvolvermos aquele projeto. O Sr. José tinha apresentado uma letra, uma melodia e um acompanhamento instrumental com uma guitarra, e era preciso fazer um arranjo musical para enquadrar tudo”. E esse arranjo ficou à responsabilidade do compositor Gilberto Coelho. “Quando trabalhamos sobre algo que pertence a outra pessoa, tem de haver um cuidado muito grande em criar algo novo sem desvirtuar aquilo que é a ideia original, a essência da música. Primeiro foi preciso ouvir, conhecer a letra e perceber, sem pensar ainda no que ia fazer. Depois, comecei a fazer o arranjo, e quando estava mais ou menos definido, falei com o autor da música para trocar ideias, de maneira que fosse mesmo ao encontro daquilo que ele pretendia. E fomos encaixando as ideias até entregarmos à banda”, explica.

“Como a partitura tinha alguma exigência, porque havia um trabalho bem elaborado em termos dos naipes de instrumentos, requereu alguma atenção e algum trabalho para equilibrar bem todas as vozes, de forma que o produto final soasse como pretendíamos – dando sempre relevância à letra e à melodia cantada pelo José Alves”, conta o maestro. No final, a opinião foi unânime: este é um hino de arranjos modernos, que não perdeu o toque mais tradicional que é característico dos hinos. “Hoje em dia, as orquestras são melhores, a música é diferente, já evoluiu, então podemos fazer algo novo, com novos ritmos e novas sonoridades. E acho que não desvirtua daquilo que é a ideia inicial. A parte original do hino continua lá”, esclarece Gilberto.

“Pelo Paços”, usando as palavras do maestro Alexandre Coelho, é um projeto “feito em casa”. Um projeto que une duas instituições da cidade que, à priori, poucos poderiam imaginar que trabalhassem em conjunto. “Tudo aquilo que seja unir esforços e criar sinergias entre instituições, por muito diferentes que sejam, só enriquece todos os lados. A vitalidade de uma comunidade é poder haver estas interações entre instituições”, acrescenta.

MCOUTINHO

PELO PAÇOS

LETRA E MÚSICA: JOSÉ FERREIRA ALVES

ARRANJO: GILBERTO COELHO

Foi no Campo da Cavada
Que os escuteiros do Vasquinho
Deram origem à história
Do ilustre clube pacense
Que num golo de Agostinho
Teve a primeira vitória

Ornados de amarelo
Em relvados verdejantes
Definimos nossos traços
E na Mata Real
Nas margens do Ferreira
O nosso jogar à Paços

Refrão

Ao galo de oitenta e cinco
E um par de anos à nora
Reagimos à maneira
Com as táticas do mestre
E golos em cima da hora
Ascendemos à Primeira

Taça UEFA, Liga Europa
Campeões e Conferência
Já fomos com a nossa tropa
Ajudando a projetar
A Capital do Móvel
Nos quatro cantos da Europa

Refrão

No cenário nacional
Em todos os grandes palcos
Já se exibiu o castor
Final da Taça da Liga
E Supertaça também
Logo depois do Jamor

Clube honesto e cumpridor
Do pouco fazendo muito
No nosso constante afã
Orgulhosos do passado
Responsáveis no presente
Zelosos com o amanhã

Refrão

REFRÃO

Pelo Paços cantar
Pelo Paços sonhar
Pelo Paços sofrer
Pelo Paços sorrir
Pelo Paços sentir
Pelo Paços viver
Pelo Paços dar tudo
Pelo Paços orgulho
Pelo Paços honra e glória
Pelo Paços amor
Pelo Paços esforço
Pelo Paços vitória



AS VOZES DA PRESIDÊNCIA

Em 72 anos de história, muitas foram as conquistas do FC Paços de Ferreira – e também os desafios que a elas estão associados. Em semana de aniversário, ficamos a conhecer alguns, pela voz de quem sempre tenta procurar as melhores soluções.



MOREIRA LOBO

José Manuel Magalhães Moreira Lobo foi presidente do FC Paços de Ferreira de 1980 a 1984 – e ainda na temporada 1987/1988 – mas a primeira vez que integrou os órgãos dirigentes do clube foi em 1973/1974 (como Secretário), presenciando momentos históricos como a estreia pacense nos campeonatos nacionais e a mudança do Campo da Cavada para a Mata Real. “Era um campeonato completamente diferente, com horizontes muito maiores. Não envolvia só o nosso distrito do Porto, e sim todo o norte de Portugal. Mas esse desafio resultou numa época extraordinária e histórica: no nosso primeiro ano na III Divisão Nacional, fomos logo Campeões. E coincidiu com a

inauguração do Estádio da Mata Real, que também nos ajudou. Tinha muito melhores condições do que o antigo Campo da Cavada, e ajudou-nos a manter o espírito e uma presença de público e entusiasmo que levou o Paços a campeão nacional”, recorda. Apesar de ficar mais longe do centro de Paços de Ferreira, a Mata Real oferecia mais comodidade, segurança e, acima de tudo, mais espaço: “Fomos para um sítio que permitia não só ter um campo de jogos de maior dimensão, como também ter um espaço enorme para fazer desenvolver o clube, como acontece nos dias de hoje. Temos uma série de campos, todo aquele espaço acabou por ser ocupado”.

Convidado, no entanto, a relembrar os maiores desafios da sua presidência, Moreira Lobo nomeia três. E o primeiro foi logo no ano de estreia: “Quando fui eleito, o Paços estava na II Divisão Nacional e tinha evitado a descida no último jogo. Vinha de uma época má, com dificuldades desportivas, e foi preciso melhorar essa situação. Empenhamo-nos bastante no reforço da equipa, demos oportunidade a jogadores da terra, e estivemos às portas da I Divisão pela segunda vez na história do clube”. Relvar o campo da Mata Real foi o segundo: “Inicialmente, tínhamos um pelado, mas, embora a maior parte dos campos da II Divisão fossem em terra, reconhecíamos que com a relva o futebol praticado e o espetáculo dado seriam outros. Era oportuno dar esse passo em frente”. Mas o terceiro é aquele que destaca com maior carinho. Porventura, “o mais importante”: a mudança para as cores atuais do FC Paços de Ferreira. “Este eu acho que ficou para toda a vida. Não acredito que o Paços venha a mudar as cores do seu equipamento algum dia. Foi muito importante, pois criou-se uma identidade”, ressalva.

Na altura, o clube equipava de azul e branco, mas já tinha equipado todo de branco, de axadrezado, de amarelo e azul... A necessidade de criar a identidade mencionada por Moreira Lobo era evidente, e naquela que foi uma das Assembleias Gerais mais participadas de sempre, os sócios fizeram-se ouvir e votaram favoravelmente (249 contra 24) na proposta que definia o amarelo e verde como as cores do equipamento principal e o branco e preto como as cores do equipamento alternativo. “O alternativo branco com uma lista horizontal preta e calções pretos foi proposto por um sócio e eu logo aceitei, pois era o equipamento do clube que tinha existido antes em Paços, o Pacense, que tinha sido extinto uns anos antes do nascimento do nosso clube. Tem um contexto histórico e um significado: pelo respeito ao Pacense e para unir a família do Paços”, explica Moreira Lobo. “Hoje temos um Paços com cores que nos identificam perante todos, que são as cores da nossa terra. Mas isso trouxe-nos problemas sérios, porque aqueles que tinham optado pela continuidade do azul e branco deixaram de colaborar economicamente com a direção”, recorda. Afinal de contas, naquela altura os apoios financeiros eram bastantes reduzidos: “Não havia subsídios da Câmara ou dinheiro das transmissões televisivas. Só tínhamos as receitas dos jogos, as quotasções dos sócios e o os peditórios e sorteios. Havia uma imaginação enorme para arranjar dinheiro,

20 RETROSPECTIVA PRESIDENCIAL

e, na maior parte das vezes, esse dinheiro não chegava e nós tínhamos de colocar do nosso bolso para que tudo ficasse liquidado". E sempre ficava.

Atualmente, é com orgulho que Moreira Lobo vê o crescimento e reconhecimento que o clube atingiu, nacional e internacionalmente, e mostra-se também feliz pelos novos sócios que se vão juntando à família: "Julgo que estamos a atravessar um período em que se vê gente nova e fico muito satisfeito com isso, pois dá a ideia de que o clube tem futuro".

Entre 1999 e 2006, os destinos do FC Paços de Ferreira estiveram nas mãos de Hernâni Silva, que, de muitas alegrias e algumas tristezas, destaca logo o seu primeiro ano enquanto presidente do clube – que culminou na segunda subida dos Castores ao principal escalão do futebol português. "Esse foi um momento que me marcou muito", começa por dizer. Decorria a época 1999/2000. O objetivo dessa temporada, inicialmente, passava pelos primeiros lugares, mas a verdade é que, a 14 jornadas do fim, o Paços estava na 11ª posição, a 11 pontos da promoção e a 14 do líder. Sem perder o otimismo, procedeu-se à troca de treinador – Henrique Calisto foi substituído por José Mota e uma cavalcada incrível foi conseguida rumo à subida de divisão e ao [para muitos impensável] título de Campeão, com 12 vitórias e dois empates conquistados nessa fase. Eis um feito que se revelou muito importante para a continuação do crescimento pacense: "Não haja dúvida de que foi a alavanca para podermos ser hoje o clube que somos. Na Segunda Liga não se conseguia viver... Tive a sorte de subir no primeiro ano e o clube lá foi crescendo", afirma Hernâni. Voltaria a desfrutar da alegria e efusividade de uma subida e de um título de Campeão da Segunda Liga em 2004/2005, depois da tristeza da descida na temporada anterior, e não esquece também a manutenção conseguida no seu último ano, no último jogo. "Para não descer, era obrigado a ganhar ao Benfica... e conseguimos ganhar! Foi aqui em casa", recorda. À semelhança das direções anteriores, um dos maiores desafios também passava pela recolha de apoios para ajudar o clube. Paixão e imaginação não faltavam, por isso, a todos os membros diretivos: "Era vestir o fato de macaco e andar para a frente. A televisão não dava tanto dinheiro como agora e as publicidades não eram tão bem vendidas. Pedíamos pelas portas, íamos cantar as Janeiras, fazíamos sorteios de automóveis e vendíamos cadernetas. E também púnhamos algum dinheiro do nosso bolso". Tudo era feito para levar o clube adiante, tanto ao nível desportivo, como ao nível das infraestruturas.

"No total, foram sete anos como presidente e oito como diretor. O futebol é um meio muito desgastante, foi difícil, mas tive muitas alegrias e fui sempre bem recebido pelos sócios, que sempre me deram muito carinho. Este clube é como uma família", finaliza.



Final da Taça de Portugal, presença na Supertaça, final da Taça da Liga... e duas presenças nas provas europeias (2007 e 2009)! Fernando Sequeira dificilmente poderia imaginar tudo isto, quando iniciou a sua presidência no FC Paços de Ferreira: "Não posso querer mais do que o que aconteceu. Obviamente que isto não é só vitórias, tenho também uma descida que foi evitada administrativamente [despromoção do Boavista FC], mas não há dúvida nenhuma de que foram quatro anos marcantes na minha história e na história do clube".

A conquista de uma vaga na então designada Taça UEFA foi a abertura de novas portas com destino à Europa. Na época, o FC Paços de Ferreira tinha 58 anos – um clube bastante jovem, que ainda na década de 70 disputava os campeonatos distritais. Uma nova realidade abria-se perante os seus olhos... e, consequentemente, novos desafios também. Mas cada um deles valia a pena. "As dificuldades eram tremendas, porque o Paços não tinha estatuto de europeu. Nessa altura, ir à Taça UEFA era muito complicado – os apoios, as dificuldades, a logística, tudo isso era

problema. Mas para um clube com a dimensão do Paços era um privilégio estar na alta roda do futebol europeu. Isso foi fantástico! E mesmo nós, que estamos dentro disto, temos até alguma dificuldade em avaliar esse mesmo privilégio”, diz Fernando Sequeira. O AZ Alkmaar de Van Gaal, terceiro classificado da liga holandesa no ano anterior, foi o adversário dessa estreia europeia. A diferença entre os dois clubes era notória, mas nada que abalasse o jovem Paços. “Na primeira mão, conseguimos levar 10.000 pessoas ao Estádio do Bessa. Paços foi em peso ver o jogo e foi uma festa, apesar da derrota por 0-1. Na segunda, empatamos 0-0. Não deixa de ser uma jornada fantástica que nos enche de orgulho”.

Há um pormenor dessa época do qual não se esquece: “Criticava-se muito o Paços, quase chamando-nos ‘parolos’, por termos o treinador com o boné nas conferências de imprensa. Quando fomos à Europa, sai um artigo na Visão, se não me engano, em que um miúdo se vira para o pai ou para a mãe, no centro comercial, pedindo um boné como o treinador do Paços. A partir dali o boné deixou de ser ‘parolo’ para ser visto de outra forma. O que é facto é que o boné dava receita ao Paços, e isso tinha todo o interesse para nós”.

Para Fernando Sequeira, é importante realçar que os êxitos alcançados são também fruto de um trabalho que foi sendo elaborado pelas direções anteriores. Todos aqueles que gostam do Paços são responsáveis pela sua história: “O Paços tem tido gente à frente do clube que realmente percebe a sua dimensão, e dentro das suas possibilidades tenta fazer um bocadinho mais e melhor. Estes êxitos que temos alcançado não são por acaso. A sorte dá muito trabalho, e hoje o Paços é, de facto, o grande embaixador da nossa terra, do nosso concelho, da nossa atividade”.

Não há pacense que tenha vivido a conquista de 2013 e não a recorde com orgulho. Idas à Europa já não eram uma novidade, mas ocupar uma das vagas do play-off de acesso à Champions League, depois de um fabuloso terceiro lugar, não é marco para qualquer equipa. No início da época, ninguém imaginava esse cenário, mas a união e o trabalho desenvolvidos abriram caminho para que tal acontecesse. “Tínhamos o objetivo conseguido e acreditávamos que podíamos ir mais acima. Fomos de objetivo em objetivo. Conseguíamos um e partíamos logo para outro, porque aquela era uma equipa ambiciosa”, afirma Carlos Barbosa, o presidente na altura.

Os ecos da presença do FC Paços de Ferreira na Liga dos Campeões correram o mundo. Uma equipa com um orçamento na ordem dos 2,5 milhões de euros entrava naquela que é a prova de clubes mais importante: “Era um valor irrisório para uma competição como esta. O eco internacional foi muito grande, demos a conhecer a cidade e o clube, e foi um marco histórico na carreira de todos os jogadores, equipa técnica, direção, cidade... Não há clube nenhum no mundo que tivesse um orçamento como o nosso e tivesse almejado tal feito”.

A eliminatória diante do Zenit não foi ultrapassada e os Castores passaram para a fase de grupos da Liga Europa, onde enfrentaram Fiorentina, Dnipro e Pandurii. Um início de época que se revelou agitado. “Foi a primeira vez que aconteceu, não estávamos habituados a tantos jogos consecutivos. Ainda por cima não tínhamos o estádio que temos hoje para podermos efetuar os nossos jogos em casa, havia um desgaste muito maior, e as coisas não correram tão bem como seria de esperar”, diz Carlos Barbosa. O planeamento da temporada foi feito nos mesmos moldes que as anteriores, “conscientes do dia-a-dia do clube”, mas a manutenção na Primeira Liga só ficou garantida após a disputa da Liguilha com o terceiro classificado da Segunda Liga. “Não termos descido de divisão foi um feito ainda mais importante do que chegar à Liga dos Campeões. É lógico que ir à Champions é um marco histórico muito grande e uma satisfação para todos os adeptos e dirigentes, mas seria muito negativo se tivéssemos descido depois desse ano atribulado. Poderia já não ser possível fazer os investimentos que foram feitos, particularmente na remodelação do estádio. Eram anos cruciais para a ascensão do clube”.

Tendo a época 2013/2014 sido preparada com o orçamento habitual, foi possível apostar na necessária remodelação do Estádio Capital do Móvel – visto que “todas as receitas, tanto da valorização dos jogadores como do dinheiro da Champions League, foram redirecionadas para as obras”. “Era uma coisa que o clube



22 RETROSPECTIVA PRESIDENCIAL

almejava há bastante tempo e necessitava, e hoje, temos uma obra digna de ser vista”, realça.

Presidir um clube como o Paços pode não ser fácil, “mas com trabalho, empenho, e amor ao clube vão-se resolvendo os problemas”. “Só com muito trabalho, organização e dedicação é que podemos alcançar os feitos que temos conseguido e que o clube merece”, conclui.



Para o atual presidente do FC Paços de Ferreira, nada se revelou tão desafiante como colocar novamente o clube na Primeira Liga (2019): “Foi a minha maior alegria enquanto presidente da direção, depois de ter passado pela maior tristeza, que foi a descida”. Uma época assim, traz consigo alguns riscos associados, mas há sempre a “esperança de terem sido escolhidas as pessoas certas” para cumprir essa missão. “Há um risco associado, que é o risco orçamental, porque um orçamento demasiado alto para uma Segunda Liga, mas acreditávamos que podíamos recompensar e reequilibrar as coisas no ano seguinte, numa

Primeira Liga. Foi o que aconteceu. Além disso, tivemos a sorte de ter connosco uma pessoa fundamental, o mister Vítor Oliveira”, revela Paulo Meneses.

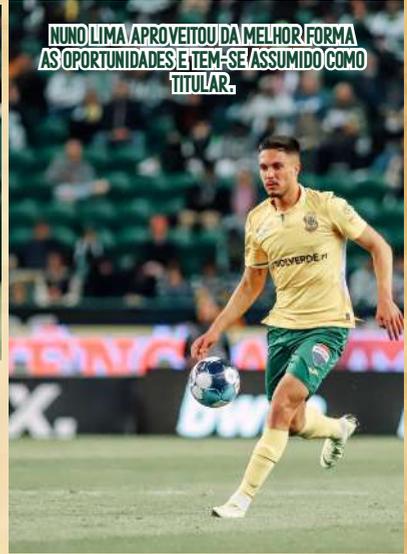
Colhidos os frutos do esforço contínuo, a sensação é a de “dever cumprido” e desfruta-se da confirmação de que “cada sacrifício e cada momento de desespero” valeram a pena, também muito graças ao apoio inegável dos sócios: “Depois de conseguido o objetivo, o foco tem de ser fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que situações destas não se voltem a repetir. Mas também não deixa de ser verdade que o Paços de Ferreira tem uma estrutura que tem sempre um risco associado, portanto, é importante a união daqueles que estão por dentro do clube, mas também daqueles que são os donos do clube – os sócios. Fica muito mais fácil quando se gera uma grande união. Foi o que aconteceu nesse ano e tem vindo a acontecer nos últimos anos – não me posso queixar, em momento algum, da falta desse apoio dos sócios”. Independentemente da década, da divisão ou da fase que o clube atravesse, a opinião é unânime: gerir um clube como o FC Paços de Ferreira já é, por si só, um desafio. Atualmente, é dos poucos clubes da Primeira Liga que ainda é composto por uma SDUQ e isso, numa altura em que o futebol parece cada vez mais caro, implica grandes esforços: “E não é uma SDUQ de um clube de um concelho que tenha muitos apoios externos. Temos de nos inventar todos os dias, temos de encontrar soluções todos os dias; temos de vender muitas vezes quando não gostávamos de vender, temos de deixar de contratar quando gostaríamos de contratar; temos de fazer uma gestão cuidada como se o dinheiro fosse nosso. Todos os dias. Todas as direções sem exceção tiveram esta capacidade de gerir o clube, resistindo a tentações de gastar aquilo que não deviam, para que pudéssemos ter o clube ainda hoje equilibrado e que nos orgulha por ser um exemplo no futebol nacional ao nível da gestão”.

Nos últimos anos, o clube tem visto as suas infraestruturas melhoradas. E se o trabalho “visível” é notório, aquele que tem sido feito no interior é, igualmente, impressionante. “Não há dúvida de que todas as direções tiveram a preocupação de melhorar as infraestruturas. Eu admito que sim. Da mesma forma que admito que nem todas as direções tiveram o mesmo peso nesse melhoramento – porventura também não terão tido as mesmas oportunidades financeiras de o fazer. Mas a verdade é que esta direção por mim presidida tem feito aquilo que fizeram as gerações anteriores. Ou seja, criar condições para que os adeptos tenham mais conforto, mais segurança”.

Em semana de aniversário, não poderiam ser esquecidos todos aqueles que têm participado e colaborado no crescimento do clube. Paulo Meneses recorda os sócios, mas também todos os diretores do passado, “que fizeram trabalhos extraordinários e, de uma forma completamente desinteressada, participaram e contribuíram para que o Paços seja hoje aquilo que é”. E o que se pode desejar para o futuro? “Que qualquer direção que venha a estar à frente dos destinos do FC Paços de Ferreira tenha sempre o mesmo sentido de responsabilidade das anteriores; que faça tudo para que o Paços de Ferreira continue a ser dos sócios. E que aqueles que nos apoiam a cada jogo percebam que, se queremos estar orgulhosamente sós, a nossa responsabilidade é maior do que a dos outros. Portanto é preciso que a cada vitória não nos deslumbremos, a cada derrota não critiquemos, mas que em cada momento possamos apoiar, pois só isso é que vai fazer com que o Paços de Ferreira possa continuar a ser sustentável”.



GAITÁN SAIU LESIONADO AINDA NA PRIMEIRA PARTE.



NUNO LIMA APROVEITOU DA MELHOR FORMA AS OPORTUNIDADES E TEM-SE ASSUMIDO COMO TITULAR.



ANTUNES REGRESSOU A ALVALADE ONDE SE SAGROU CAMPEÃO NACIONAL NO ÚLTIMO ANO.



BAIXINHO VIU UM CARTÃO AMARELO QUE O IMPEDE DE DEFONTAR HOJE O MARÍTIMO.



EDMILSON MENDES ESTREOU-SE NA EQUIPA PRINCIPAL DO PAÇOS AINDA COM IDADE DE JÚNIOR.



PaçoPrint
A sua marca
gráfica